

DESFAZENDO MASCULINIDADES NEGRAS - A TRAJETÓRIA DE CHIRON EM MOONLIGHT: SOB A LUZ DO LUAR¹

Lucas Porfírio²

RESUMO

O presente artigo busca debater sobre o processo de masculinização de gays negros em produções audiovisuais. Para isso é analisada a trajetória do personagem Black, interpretado pelo ator Trevante Rhodes, no filme *Moonlight: sob a luz do luar*, do diretor Barry Jenkins. No intuito de entender esse processo, primeiro busca-se perceber como ocorre a construção das identidades de homens negros, tendo como base a discussão proposta por bell hooks³ sobre masculinidades negras. Deste modo, ao olhar para o filme, em um primeiro momento, através de Lima e Cerqueira discute como e porque ocorre a negação da sexualidade do protagonista, além de sua construção. A partir de Butler, o artigo fala ainda sobre gênero e seu aspecto performativo como construção social. Para análise foram decupados alguns momentos do filme considerados importantes dentro da narrativa que demonstrem como a identidade do protagonista é moldada. O artigo possui caráter ensaístico, tendo por foco lançar um primeiro olhar sobre o filme.

Palavras-chave: Negritude, Representação, Masculinidades negras, *Moonlight: sob a luz do luar*, Sexualidade negra.

INTRODUÇÃO

Moonlight: sob a luz do luar (2017) é um longa-metragem ganhador do Oscar (edição 2017) na categoria de melhor filme, prêmio concedido pela AMPAS- Academia de Artes e ciências cinematográficas. O filme narra a história de Chiron, um garoto afro-americano, morador da comunidade pobre de Miami. O filme é dividido em três partes: infância, adolescência e fase adulta de seu protagonista.

Chiron, apelidado de *Little*, desde criança sofre bullying por não pertencer ao padrão social, branco e hétero. Devido a isso, é chamado pelos colegas do colégio de *faggie*

¹ Essa discussão faz parte da pesquisa em andamento no Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto.

² Jornalista pela Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ) e Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: lucasporfírio-94@hotmail.com

³ Gloria Jean Watkins, feminista negra norte-americana, atua através do pseudônimo bell hooks, inspirado no nome de sua bisavó materna, Bell Blair Hooks. O nome escrito com letras minúsculas é uma forma de militância que a escritora encontrou para chamar atenção para sua obra e não para sua pessoa. Desse modo, toda citação referente a bell hooks será escrita com o nome da mesma em letras minúsculas, conforme desejo da autora.

(equivalente a bicha ou viado em português), xingamento este que ele desconhecia o significado e caráter pejorativo. Sua mãe o deixa abandonado para fazer uso de drogas, por isso o garoto acaba sendo criado por Juan (narcotraficante cubano) e Teresa (esposa de Juan), que o aconselha até a sua adolescência, período em que começa a despertar da sua sexualidade.

Nesse contexto de violência em que o personagem está inserido, ele vai aprendendo ao longo de toda sua trajetória a não demonstrar vulnerabilidade. Na terceira fase do filme vemos Chiron transformado e conhecido por *Black*, comandante do tráfico local. Por fim, após o reaparecimento de Kevin, um afeto juvenil, questões do passado como a sua sexualidade retornam.

A todo o momento o filme mostra a busca empreendida por um jovem gay negro pelo autoconhecimento e pela afetividade nas relações vivenciadas discutindo questões relacionadas às condições sociais e históricas inerentes a este sujeito. Assim, o artigo compreende *Moonlight* como um filme periférico⁴, pois trata de questões sociais atuais e urgentes, como racismo, homofobia, sexualidade e periferia. É importante ressaltar que todo o elenco é composto por pessoas negras, demonstrando ainda mais o caráter político militante do longa.

Em *Moonlight* é possível ver como o personagem *Black* é privado de descobrir sua sexualidade como parte constitutiva da sua identidade enquanto sujeito negro. Em um sistema de opressão, a personagem vai moldando a sua identidade o mais próximo da identidade de um homem heterossexual.

Assim, busca-se aqui compreender como ocorre o processo de construção de masculinidades negras, tendo como ponto de partida o longa metragem. Além disso, voltar o olhar para homens gays negros e sua sexualidade. Este artigo faz-se necessário, pois discutir a construção da identidade negra e homoafetiva nessa obra permite analisar como esse sujeito é visto e representado socialmente. Além de abordar a potência dos afetos ao possibilitarem novas vivências.

⁴ A trama e temática do filme são entendidas, aqui, enquanto periféricas, tendo por base que a maioria de filmes LGBT possuem como protagonistas personagens brancos. *Moonlight* propõe uma nova forma de representação dentro desse contexto de produções audiovisuais para o cinema.

METODOLOGIA

A metodologia do artigo consiste em uma análise de narrativa, para isso foram decupadas cenas do longa metragem consideradas importantes para discussão e que possibilitam a compreensão de como o personagem é construído.

DESENVOLVIMENTO

Masculinidades negras

É importante diferenciar a constituição de masculinidades negras da forma como se constitui as masculinidades brancas. Apesar de possuírem aspectos semelhantes, as masculinidades negras não se dão da mesma forma. hooks (2019) afirma que a produção acadêmica sobre a família negra ao apagar as realidades de homens negros que possuem entendimentos diversos de masculinidade passa a ter uma visão rasa e unidimensional.

O retrato da masculinidade negra que emerge dessas obras constrói os homens perpetuamente como “fracassados”, que são “fodidos” psicologicamente, perigosos, violentos, maníacos sexuais cuja insanidade é influenciada pela incapacidade de realizar seu destino masculino falocêntrico em um contexto racista. (...) Homens negros contemporâneos foram moldados por essas representações. (hooks, 2019, p.174).

A maior parte das representações contemporâneas de homens negros é estereotipada, onde esses sujeitos são figuras caricatas que se preocupam em beber e se divertir. O típico malandro, boêmio, trambiqueiro. hooks (2019) explica que essas representações, com início no século XIX e XX, ocorrem como tentativa, eficiente, de apagamento da consciência pública do trabalho do homem negro. Esses estereótipos são os que perpetuam até hoje.

A construção das masculinidades negras está ligada ao falocentrismo patriarcal, é ele o responsável por parte da violência de negros contra negros, enfraquecendo relações familiares. Além disso, faz com que homens negros tenham menos cuidado com a saúde e/ou abusem do uso de drogas. Segundo hooks, esses hábitos são colocados a serviço da virilidade.

A partir do momento em que esses sujeitos deixem de adotar essa masculinidade falocêntrica, eles se tornariam empoderados para explorar novas formas de se relacionar. Mas a tarefa de romper com essas representações estereotipadas de homens negros deve ser coletiva. “Coletivamente, podemos romper com a masculinidade patriarcal sufocante e ameaçadora imposta aos homens negros e criar visões férteis para uma masculinidade negra reconstruída que pode dar aos homens negros formas para salvar suas vidas e as de seus irmãos e irmãs de luta” (hooks, 2019, p.213). Além disso:

Desafiar o falocentrismo do homem negro também criaria um espaço para a discussão crítica sobre a homossexualidade nas comunidades negras. Uma vez que

muito da busca pela masculinidade falocêntrica como ela é expressa nos círculos negros nacionalistas gira em torno da exigência da heterossexualidade compulsória, ela sempre promoveu a perseguição e o ódio aos homossexuais (hooks, 2019, p. 211).

Assim, como proposto por hooks, é necessário que homens negros possam empregar uma análise feminista no intuito de construir uma masculinidade negra que não seja sustentada no falocentrismo patriarcal.

Sujeitos negros: sexualidades negadas

Apesar do advento das discussões sobre representatividade, encontrar obras de ficção que retratam LGBTQ+ ligadas a questões raciais são raras. *Moonlight: sob a luz do luar* é uma das exceções no gênero cinematográfico. Frequentemente, os personagens homoafetivos retratados em filmes são brancos, reproduzindo assim um padrão social que mantém local de privilégio. Essa é uma realidade presente não apenas na produção audiovisual, mas também, no cotidiano de gays negros, como explica Lima e Cerqueira:

O homossexual negro experimenta também uma negação no mundo homossexual - seus clubes, boates, espaços de confraternização trajetórias pessoais modelares, imagens, mídia gay, sua perspectiva de poder e, o que é muito importante, padrões de consumo, sempre tem como referência o homossexual branco. Ou seja, ocorre uma afirmação da identidade homossexual que passa necessariamente pelas perspectivas definidas por um mercado de consumo voltado para o público homossexual urbano, branco, jovem e integrado às relações de produção e trabalho estabelecidas pelo mundo branco, heterossexual hegemônico (LIMA, A. e CERQUEIRA, F.A., 2012, p.7).

Desse modo, ao analisar a trajetória do personagem central no filme é possível entender questões que perpassam a vida do gay negro. Sujeito que muitas vezes possui sua identidade negada enquanto negro e homossexual, devido à forma como se dá o processo de reconhecimento da negritude e homossexualidade pela e na sociedade.

O negro homossexual, tido com portador de um distúrbio moral, da alma ou da natureza, não é admitido nesse quadro. É incapacitado para salvar a raça, tanto quanto é incapaz de proteger os mais fracos. Ao contrário, representa a covardia, a fraqueza, a fragilidade e mesmo uma traição ao estereótipo subumano assimilado pelo próprio homem negro (LIMA, A. e CERQUEIRA, F.A., 2012, p.7).

Em *Moonlight* é possível ver como o personagem Chiron é privado de descobrir sua sexualidade como parte constitutiva da sua identidade enquanto sujeito negro gay. Em um sistema de opressão, a personagem vai moldando a sua identidade o mais próximo da de um

homem heterossexual negro. Quando a personalidade deste indivíduo não se enquadra nessa concepção, ele acaba sendo excluído por seus iguais, ficando à margem social:

A negritude se constitui através da normalização do negro heterossexual, representado pela emblemática virilidade de sua força física, agressividade, violência, grande apetite sexual e pênis potente. O homem negro, desse modo, remete à perspectiva do herói. Um homem inabalável, que protegeria a si mesmo e aos subalternos mais frágeis (mulheres e crianças) contra a opressão racial (LIMA, A. e CERQUEIRA, F.A., 2012, p.7).

Ressalta-se que esse perfil esperado de um homossexual negro também é predominante no meio gay. É necessário que esses indivíduos sejam viris e másculos. Frequentemente esses corpos são desumanizados, objetificados, sexualizados, fetichizados, passando a ter como única função a obtenção de prazer.

Esses são os lugares ocupados por gays negros, o de desumano e sexualizado ou o de negação da sexualidade/ homossexualidade. Ora esse sujeito não é aceito e representado pelo movimento negro, ora pelo movimento LGBTQ+ que não reconhece as suas pautas como necessárias.

No filme o personagem central é um menino tímido, cabisbaixo, calado e demonstra fragilidade, fugindo do padrão dos meninos da sua idade ou mais velhos, já que “ser um garoto significava aprender a ser duro, a mascarar seus sentimentos, a defender seu território e lutar” (hooks, 2019, p.171). Isso faz com que o mesmo sofra diversos tipos de violência físicas e psicológicas. Logo nos primeiros minutos do longa, é mostrado ele fugindo dos demais meninos do colégio em que estuda e se escondendo em um local utilizado para uso e tráfico de drogas. Isso ocorre pois os outros meninos não são capazes de aceitar o jeito diferente dele se portar e existir diante do mundo.

Logo mais à frente, Kevin (amigo e afeto do protagonista) confronta *Little* após uma partida de futebol, dizendo que ele é muito mole, querendo com que ele demonstre masculinidade e força. Por isso, ambos se atacam no gramado, como se estivessem lutando, de modo que *Little* possa aprender como agir diante dos outros garotos, se não quiser continuar apanhando. Apesar da demonstração de violência, a cena apresenta uma tensão homoerótica dando indícios da sexualidade do protagonista.

Em uma discussão com Juan, Paula, a mãe do garoto, faz uma insinuação sobre a sexualidade do filho. Fala do modo como ele anda, como ele se comporta, que por isso os outros garotos vivem batendo nele. Questiona ainda se Juan vai contar para ele os motivos disso acontecer. Isso demonstra como a homossexualidade do mesmo é percebida pelos outros

antes mesmo dele ter entendimento do que isso significa. Além disso, mostra como esses sujeitos não são aceitos socialmente, como já explicado por Lima e Cerqueira.

Posteriormente, a criança questiona Juan qual o significado da palavra “Bicha”. Juan responde que é um termo usado para fazer os gays se sentirem mal, que ele pode ser gay, mas não pode deixar que o chamem de “bicha”. *Little* pergunta ainda se ele é “bicha” e como saber disso, pergunta motivada pela interferência das diversas violências que sofre no seu modo de ser e se descobrir. Entende-se aqui que esses são uns dos primeiros motivos que levam o personagem a ter sua sexualidade negada e a iniciar o processo de masculinização hegemônica, como se essa fosse a única vivência possível.

Construção do gênero e performatividade de masculinidade

O filme dá um salto temporal, a segunda parte intitulada “Chiron” retrata a adolescência conturbada do protagonista. O personagem cresce como um jovem tímido, calado, que anda sempre de cabeça baixa, como na infância. Nessa fase, Chiron começa a ter maior consciência da homossexualidade.

O garoto passa a nutrir desejo pelo personagem Kevin, único garoto com quem mantém uma relação de amizade na escola, e juntos Chiron tem a sua primeira experiência sexual. Logo após a cena de sexo, ele questiona se aquilo está correto, se desculpendo.

No colégio, os outros meninos continuam com a perseguição, começam a criticar a vestimenta o personagem dizendo que elas são muito justas, consideradas roupas de viado. Assim, compreende-se que a sociedade espera não apenas um modo de se portar, mas até mesmo um modo de se vestir. Meninos devem se vestir com roupas masculinas e qualquer coisa próximo ao feminino deve ser combatida. Não são apenas os desejos que devem ser controlados.

Nós vivemos em uma sociedade compulsória, que exige uma correlação entre sexo (natural), um gênero binário (masculino/ feminino), e um desejo heterossexual (homem sentir desejo/ atração por mulher e vice e versa) (BUTLER, 2003). Butler discorre sobre a necessidade de subverter essa ordem de obrigatoriedade, possibilitando assim outras vivências.

A manutenção do sexo ligado ao gênero e ao desejo se dá pela repetição. Isso faz com que seja reforçado a construção de corpos ditos femininos e masculinos, como conhecemos. Desse modo, para Butler (2003), essa é uma questão de performatividade. Ao tratar do gênero, ela o compreende como sendo socialmente construído. Assim, a identidade se dá pelo

gênero e não pelo sexo (natural), de modo que o gênero expressa uma essência do sujeito. Ou seja, as vivências sociais fazem com que o sujeito se defina. Butler vai dizer ainda que essa identidade é constituída performaticamente.

Entendendo o gênero enquanto performance, ele vai se dar em um corpo considerado uma “superfície politicamente regulada”. Essa identidade é constituída no tempo e espaço por meio de uma repetição de atos. Esse efeito de gênero se produz pela estilização dos corpos, sendo entendido como a forma de que os gestos, movimentos e estilos corporais constituem a ilusão de um eu permanentemente marcado pelo gênero (BUTLER, 2003). Desse modo, não existe essência ou identidade nos signos corporais. Butler propõe, ainda, pensar o sexo anatômico, a identidade de gênero e a performatividade de gênero, apontando para o caráter imitativo do gênero. Chiron em sua forma adolescente quebra essa ordem compulsória como proposto por Butler.

Outro momento chave na vida do personagem é essencial para o seu processo de masculinização. Kevin é levado a agredi-lo fisicamente no colégio; após vários socos ele é espancado pelos outros alunos que o chamam de bichinha. Isso faz com que Chiron agrida Terrel, personagem que motiva a maioria das violências sofridas por ele, com uma cadeira, tendo como consequência a prisão do protagonista.

Após esse momento, o filme apresenta a sua terceira parte, intitulada “*Black*”. É a partir daí que o espectador vê o personagem totalmente transformado, ele já não é mais aquela criança/adolescente frágil. É um homem másculo, malhado, forte, praticamente heterossexual. O modo de vestir, andar, o carro do personagem, são aspectos de como performatividade de gênero hegemônica opera. Chiron é o estereótipo do traficante, do homem heterossexual. Fazendo com que o personagem não se reconheça mais no adolescente que foi um dia. “Numa comunidade negra tradicional, quando alguém diz a um rapaz crescido “seja homem”, está convocando-o a perseguir uma identidade masculina enraizada no ideal patriarcal” (hooks, 2019, p. 172).

Nessa terceira parte, Chiron se enquadra no perfil apresentado por Butler, diferindo apenas no fato de seus desejos não serem os heterossexuais. Apesar do que aparenta, o personagem não teve a possibilidade de explorar sua sexualidade, tendo como única experiência sexual a da adolescência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conhecimento e relato de si

O processo de narrar sobre si não é simples, pode ser algo extremamente difícil, como explica Butler. Segundo ela, quando o “eu” faz um relato de si ele está implicado em uma temporalidade social que vai exceder suas capacidades de narração. “O eu não tem história própria que não seja também a história de uma relação - ou conjunto de relações- para um conjunto de normas” (BUTLER, 2017, p. ?). O sujeito deve debater consigo mesmo para saber se encaixa dentro das normas morais e isso vai fazer com que ele compreenda sua gênese social e seu significado.

Para Butler, só relatamos a nós mesmos porque somos “interpelados como seres que foram obrigados a fazer um relato de si mesmos por um sistema de justiça e castigo” (BUTLER, 2017. p.22). Em *Moonlight*, Chiron é interpelado várias vezes a respeito de quem ele é e a fazer um relato de si. Seja na infância quando encontrado por Juan ou adulto quando reencontra Kevin que o pergunta em quem ele se tornou.

Relatar a si mesmo não é um processo fácil, muitas vezes envolve experiências traumáticas, históricos de violência e isso faz com que esses sujeitos não tenham voz narrativa ou não consigam organizar um relato linear. No caso de Chiron, ele não consegue narrar, ficando em silêncio.

Butler traz Nietzsche para explicar que só se tem a necessidade de relatar a si mesmo depois que sofre acusações ou alegações feitas por alguém capaz de aplicar um castigo. Chiron é acusado em todo o filme, seja por sua sexualidade, por ter se envolvido no tráfico, pela sua mãe, por uma “moral” social.

O ato de relatar a si mesmo, portanto, adquire uma forma narrativa, que não apenas depende da capacidade de transmitir uma série de eventos em sequência com transições plausíveis, mas também recorre à voz e à autoridade narrativas, direcionados a um público com o objetivo de persuadir (Butler, 2017).

Chiron não é capaz de narrar a si mesmo, apesar de todas as interpelações. Ele é um sujeito com um histórico de trauma, muitos causados pela doença da mãe viciada em drogas, mas principalmente pela condenação da sua sexualidade. Esse é o seu maior trauma. Sua vida é marcada por um não pertencimento, ao qual não entende mas tenta aceitar e depois fugir. Entende-se que apesar do personagem não conseguir se narrar, o filme traça a trajetória por autoconhecimento de seu protagonista, que busca encontrar o seu lugar no mundo, compreender os seus afetos, a busca por si mesmo.

Ao longo de todo o filme, a trajetória de Chiron esteve perpassada por afetos, bons e ruins. Foram os afetos de personagens como Juan e Tereza que ajudam o protagonista a encarar a infância e adolescência. Nos minutos finais do longa, Chiron é surpreendido por uma ligação de Kevin. A ligação faz com que os dois se reencontrem mostrando que o que foi interrompido na juventude ainda se faz presente para ambos. Esses afetos apresentam novas perspectivas para o protagonista, novas possibilidades de vida, de ser, de se redescobrir.

O final não deixa claro se o seu protagonista fica com a sua paixão adolescente, se sai do tráfico de drogas. Mas deixa subentendido novas possibilidades de vida, mostrando assim, a força que os afetos possuem e a capacidade de modificar realidades (SODRÉ, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produções cinematográficas que abordem essas questões são extremamente importantes. Além de representar, dar voz, ainda questionam a realidade tal como ela é. Discutir a construção da identidade negra e homoafetiva nessas obras é pertinente, pois, permite analisar como esse sujeito é visto e representado socialmente. Entende-se que a vida é bem mais complexa que a ficção e não é possível tratá-la como tal, já que a ficção não dá conta de todas as camadas da vida. Apesar disso, através da ficção é possível projetar a realidade, permitindo assim a compreensão ou o levantamento de suas problemáticas (ECO, 1994).

É necessário que se desconstrua as masculinidades negras hegemônicas, tóxicas. Possibilitando assim novas formas de existências desses sujeitos, não apenas dentro do movimento LGBTQ+ e negro, mas em todo contexto social. *Moonlight* possui potência em questionar a heterossexualidade compulsória, conforme explicado por hooks, responsável pela perseguição e ódio aos gays.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade. Civilização Brasileira; Edição: 16 (15 de abril de 2003).

BUTLER, Judith. Um relato de si. In: Relatar a si mesmo. Crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

ECO, Umberto. Seis passeios pelos bosques da ficção. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.



GAUDREAULT, André; JOST, François. A narrativa cinematográfica. Brasília: Editora UnB, 2009.

hooks, bell. Reconstruindo a masculinidade negra. In: Olhares Negros. Raça e Representação. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

LIMA, A. e Cerqueira, F.A. Identidade homossexual e negra em Alagoinhas. Artigo disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2262>. Acesso em: 5 de agosto de 2018.

RODRIGUES, Carla. Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler leitora de J. Derrida. Artigo disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-64872012000400007&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: Dezembro de 2018.

SODRÉ, Muniz. As Estratégias Sensíveis: Afeto, Mídia e Política. Rio de Janeiro: MAUAD Editora Ltda, 2016.

